



Title	Hiroshima no Brasil. Um relato sobre a exposição dos desenhos de sobreviventes da tragédia atômica em São Paulo, Brasil
Author(s)	Magalhães, Fernanda Torres
Citation	大阪外国語大学論集. 2006, 33, p. 1-12
Version Type	VoR
URL	https://hdl.handle.net/11094/79975
rights	
Note	

The University of Osaka Institutional Knowledge Archive : OUKA

<https://ir.library.osaka-u.ac.jp/>

The University of Osaka

Hiroshima no Brasil. Um relato sobre a exposição dos desenhos de sobreviventes da tragédia atômica em São Paulo, Brasil.

MAGALHÃES, Fernanda Torres

ブラジルのなかの広島。ブラジル，サンパウロ市で 開かれた原爆被爆生存者の絵画展に関する考察

マガリャンエス，フェルナンダ・トーレス

昨年、広島と長崎で原爆死没者を慰霊する被爆60周年記念事業が実施された。世界中のメディアはこの事実を広く報道した。では、ブラジルでは広島、長崎への原爆投下についてどのようなイメージが存在するのであろうか。本稿では、昨年サンパウロ市の現代美術館で催された被爆生存者の絵画展以前と以後でブラジル人が原爆投下に対してもつイメージがどのように変化したかについて考察したい。このような対話は戦争と核兵器のない世界を願う人々にとって大きな重要性をもつだろうからである。

Brasileiros e japoneses se conhecem mutuamente e mantêm relações de amizade há quase um século. Tanto em um país como em outro, essas duas nacionalidades trocam experiências, culturas. A imigração de milhares de japoneses para o Brasil, a fim de trabalharem nas fazendas de café no início do século XX, fez com que ambos países estreitassem seus laços. O convívio com um povo de costumes e cultura tão distintas fez com que os brasileiros se interessassem aos poucos sobre aqueles que tanto contribuíram para a formação da cultura brasileira. Hoje, o povo japonês faz parte do nosso país, assim como nós, brasileiros, aos poucos, estamos conquistando um espaço dentro do pequeno e longínquo “país do sol nascente”.

O trabalho como professora visitante na Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka, me faz refletir sobre muitos aspectos das trocas culturais, especialmente como nós, estrangeiros no Japão, vimos e sentimos a alteridade. O inverso também acaba sendo uma curiosidade natural, e de alguma forma sinto-me reponsável em contribuir na formação de uma imagem do Brasil através de cursos que ministro sobre a cultura brasileira. E ainda, poderíamos ir mais longe e entender como, no Brasil, os brasileiros vêem os japoneses? Infelizmente, a distância geográfica entre os dois países acaba sendo um obstáculo, mesmo em tempos de *internet*. O que se conhece no Brasil sobre o Japão é, de um modo geral, através daquilo que nos chega através da mídia televisiva e escrita: terra dos samurais, artes marciais, sakê, chá verde, sushi e sashimi, *animes* e

Hiroshima no Brasil. Um relato sobre a exposição dos desenhos de sobreviventes da tragédia atômica em São Paulo, Brasil.

mangás, tecnologia de ponta, telefonia celular, Monte Fuji, longevidade, budismo, disciplina – todas essas são imagens e estereótipos ainda muito trabalhados pela imprensa e a lista poderia ser ainda maior se pensasse cada vez mais nos detalhes e nas perguntas que os brasileiros me fazem sobre o Japão. Mas, a fundo, o que nós sabemos sobre o Japão?

Em agosto último, período em que se retomava o assunto dos 60 anos do término da 2ª Guerra Mundial, um tema foi bastante explorado no Brasil: o lançamento da bomba atômica sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki, no Japão. Esse acontecimento e a exaustiva cobertura pela mídia brasileira do fato fez com que a sociedade voltasse seus olhos e atenção para esse episódio triste da história mundial. A temática foi bastante divulgada e teve uma repercussão positiva na sociedade brasileira. Todos queriam saber além daquilo que podemos encontrar em páginas dos livros de História, uma História que ultrapassa as fronteiras da “História oficial”.

Colaborei de alguma forma para alimentar ainda mais essa discussão já iniciada no Brasil, e escrever e pensar sobre o Hiroshima se mostrou para mim, um grande desafio. Para isso, travei uma verdadeira batalha, especialmente para quem não é falante nativo da língua do Japão: vasculhei documentos, jornais da época da guerra, relatos, a sua maioria em língua japonesa. Essa batalha teve um final vitorioso: a produção de um livro voltado para o público jovem brasileiro e a exposição de reproduções dos desenhos dos sobreviventes, *os hibakushas*, que faz parte do acervo do *Hiroshima Peace Memorial Museum*. Gostaria de deixar registrado que para tal êxito foi primordial a paciência e ajuda de colegas da Universidade e alunos do curso do departamento de língua portuguesa, além da exaustiva colaboração de funcionários do Museu.

Em parceria com o *Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da Universidade de São Paulo*, foi desenvolvido um projeto de levar o que poderíamos chamar de um “olhar japonês” sobre a primeira tragédia atômica da História, mostrando as *impressões* e os relatos visuais dos sobreviventes dos bombardeios nas cidades japonesas. A idéia seria levar para o público brasileiro algo que trouxesse um ineditismo e que proporcionasse um outro olhar sobre a História. Isso poderia representar uma experiência riquíssima para levantar questionamentos importantes nos dias de hoje, como por exemplo, o uso de armas nucleares e a sua contínua e estúpida produção, além de proporcionar aos professores de História das escolas de nível médio e até universitário, uma oportunidade de se discutir a ciência histórica com base em novas fontes.

Visitei o *Hiroshima Peace Memorial Museum*, em duas ocasiões: a primeira em 6 de agosto de 2003, onde tive a oportunidade de participar da cerimônia anual pela paz, e a presença na cidade exatamente naquele dia foi importante para sentir a atmosfera da cidade e do povo japonês sobre a tragédia.

Em janeiro de 2005 estive outra vez no museu, já com esse projeto em mente. Nas duas vezes em que estive visitando o acervo e espaço museológico, o sentimento de horror diante da crueldade das guerras me fez refletir - como historiadora e cidadã – da importância de se

divulgar um aspecto da guerra, que nos é desconhecido.

No museu, entre *objetos resquícios* do pesadelo nuclear, fotografias e montagens, em que é criada uma atmosfera de “realidade” do bombardeio, há uma coleção única, singular, que como conjunto, mostra o lado *humano* da tragédia. Os desenhos feitos pelos *hibakushas*, não são nada mais do que isso: o grito de dor dos homens, mostrando que a guerra aniquila vidas, não poupando credos, nacionalidades ou raças. Esses “relatos” visuais particulares são frutos de uma memória marcada pela dor. Nas imagens confeccionadas, muitos *hibakushas* também escreveram relatos do que sentiram e presenciaram naquela manhã de 6 de agosto, que mesmo depois de quase 60 anos, o tempo não foi capaz de apagar. O ser humano é responsável pela criação da História e o *grito* dos hibakushas exposto nos desenhos nos deixou muito mais próximos de uma *outra* História: uma História velada, abafada.

Foram feitos diversos e incansáveis contatos com o museu para se obter as reproduções e devidas autorizações para serem levados esses materiais à um espaço expositivo na cidade de São Paulo. Na pesquisa dentre os mais de 2.000 desenhos que compõem o acervo do *Hiroshima Peace Memorial Museum*, destaquei 86 desenhos que seriam interessantes serem exibidos.

A outra batalha, por outro lado, ficou entre a professora Maria Luiza Tucci Carneiro, do *Laboratório de Estudos sobre a Intolerância* e sua equipe: conseguir um espaço para ser exposto esse material e também a difícil tarefa de se conseguir patrocínio para se montar uma exposição de qualidade.

O espaço expositivo conseguido se localizava no parque do Ibirapuera, um dos mais famosos e freqüentados na cidade de São Paulo, dentro do Museu de Arte Contemporânea da USP. Isso seria uma grande vantagem para o que nós buscávamos: um público variado e abrangente. O fato do museu, apesar de ser da universidade, ficar fora do espaço acadêmico da Cidade Universitária, foi um ponto positivo para atrair os mais diversos interessados.

No dia 6 de agosto, às 11 horas da manhã foi aberta a exposição e lançamento de “*Um clarão no céu de Hiroshima*”. Muitas pessoas estiveram presentes, muitas da grande comunidade japonesa que habita São Paulo. As pessoas entravam no espaço expositivo curiosos e saíam cabisbaixos, espantados, não podendo ficar imunes ao horror que os desenhos transmitem. Puderam ver que a guerra vai além da tecnologia; que são feitas com muito sangue e morte. Em apenas um mês de exposição, o MAC-USP recebeu a visita de cerca de 5 mil pessoas.

Hiroshima no Brasil. Um relato sobre a exposição dos desenhos de sobreviventes da tragédia atômica em São Paulo, Brasil.

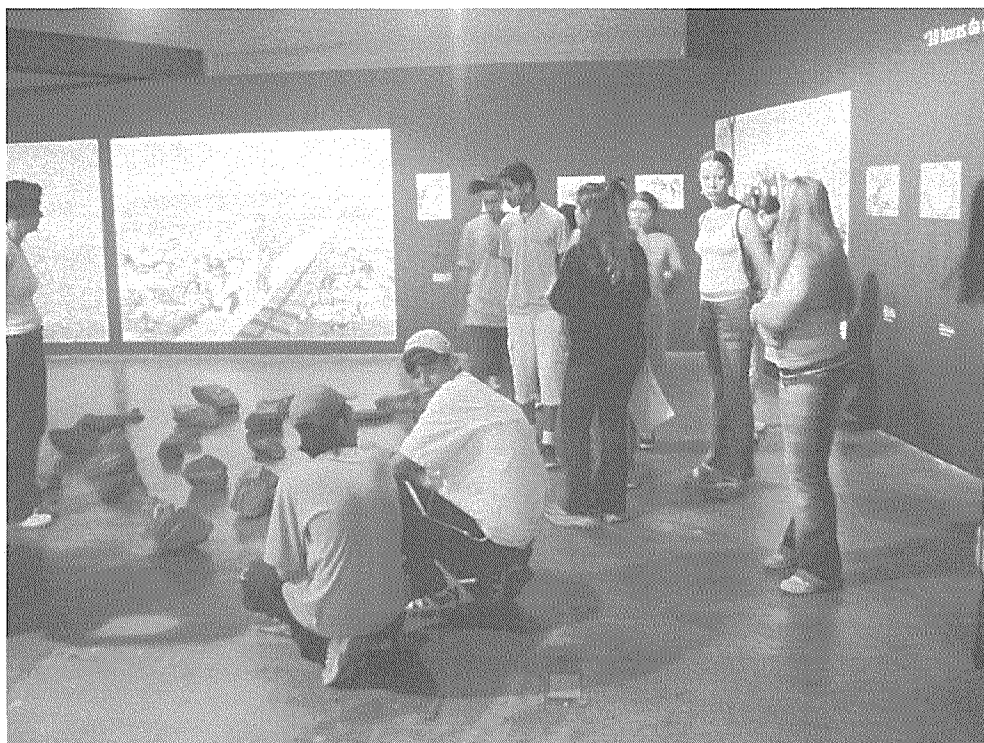


Placa sobre a exposição

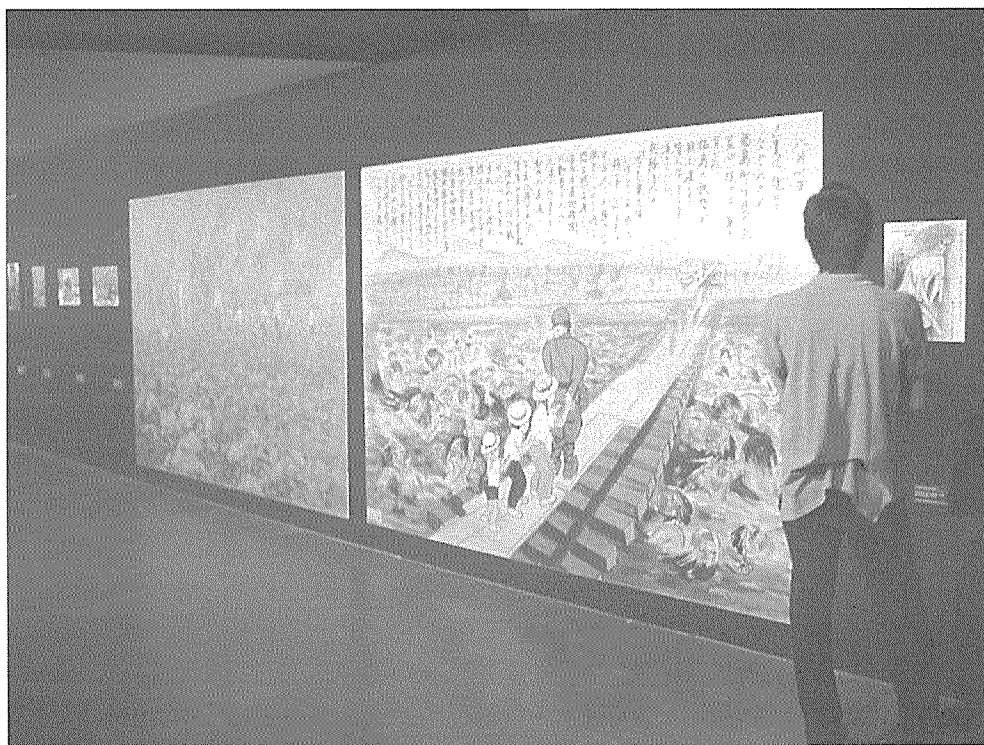


Entrada do Museu, com árvore com “tsurus”.

Hiroshima no Brasil. Um relato sobre a exposição dos desenhos de sobreviventes da tragédia atômica em São Paulo, Brasil.



Alunos de escolas de nível médio visitando a exposição.



Visão de painéis ampliados com desenhos.

Um outro ponto interessante foi notar que a imprensa brasileira dera bastante destaque ao assunto. Manchetes de revistas especializadas em História, porém destinadas ao grande público, tinham como assunto a *bomba de Hiroshima*. Enfim, uma história acessível a todos, democratizada, longe dos muros da Universidade. Os japoneses, por outro lado, ficaram bastante surpresos com essa discussão de um assunto tão “deles”, como cheguei a ouvir. Fui entrevistada por dois correspondentes de jornais no Japão, residentes em São Paulo, que gostariam de extrair de mim a todo custo, o porquê desse interesse do Brasil pelo assunto. Ora, o Brasil tem a maior colônia de japoneses fora do Japão, somente isso já seria um forte argumento. E a produção de armas atômicas não pode ser um assunto limitado àqueles que sofreram um ataque atômico, é um problema que diz respeito à todas as nações.

Hiroshima no Brasil. Um relato sobre a exposição dos desenhos de sobreviventes da tragédia atômica em São Paulo, Brasil.



Capa do Jornal da USP, agosto de 2005.



Capa da revista *Made in Japan*, agosto de 2005.



Capa da revista *Aventuras na História*, agosto de 2005.

Mas, o que realmente o brasileiro sabe sobre o ocorrido em Hiroshima e Nagasaki? A cobertura da imprensa brasileira nos mostrou que os brasileiros têm bastante interesse sobre o assunto, apesar da carência de informações. E a imprensa, nesse sentido, teve um importante papel no preenchimento dessas lacunas. Em virtude da exposição, tive a oportunidade de conceder várias entrevistas para os mais expressivos meios de comunicação de massa de São Paulo, que se mostraram bastante receptivos à discussão do assunto e souberam lidar adequadamente com os “silêncios da História”. Acredito que essa exposição contribuiu e muito para a mudança e até para a formação de novas opiniões sobre o assunto, por apresentar um outro olhar sobre a guerra, uma versão menos “heróica” e americanizada. Detalhes de uma História oculta, que foi possível acessar após o afrontamento do conhecimento produzido pelos “vitoriosos” da guerra, criadores de “verdades parciais”.

Porém, uma das experiências mais interessantes que participei, aconteceu numa noite, em um Centro Universitário em São Paulo, quando fui convidada a conferir uma palestra aos alunos do primeiro ano do curso de Relações Internacionais. Preparei para os alunos um material que compunha de algumas reproduções dos desenhos que havia selecionado para serem expostos no Brasil, além de algumas fotografias que havia incluído no livro que havia escrito.

Ansiava por saber que tipo de conhecimento esses jovens alunos tinham sobre o Japão ou sobre a 2ª Guerra Mundial. O jovem brasileiro é um jovem como qualquer outro, em qualquer lugar do mundo. Todos eles têm seus medos, aspirações e expectativas condizentes com suas idades. E o conhecimento e sua consciência política de mundo? Como fica a geração e a produção de conhecimento para o jovem do século XXI? A minha surpresa foi que depois de uma apresentação de cerca de 1 hora, os alunos se puseram a fazer perguntas e questionamentos sobre

o que tinham visto e ouvido. Diante da plateia atenta e receptiva, o diálogo que travamos me fez ver que os jovens brasileiros eram sensíveis e interessados em História.

No final da aula-palestra, pedi para que eles escrevessem sobre suas antigas impressões sobre o bombardeio às cidades japonesas, como uma forma de analisar o conhecimento do jovem brasileiro sobre a História Mundial. Muitos comentários se mostraram extremamente interessantes, que achei digno de serem registrados nesse pequeno relato:

“(...) Antes da palestra, falavam de Hiroshima e Nagasaki nas letras de músicas e na escola, e sempre que escutava o nome das cidades, estava se referindo à guerra e à bomba. Mesmo na televisão, quando havia um documentário, a maior parte deles falava da ciência, da radiação e mostrando os estragos gerais na cidade e nas pessoas, mas não havia sentimento suficiente para mostrar a dor, e o que Hiroshima e Nagasaki eram antes da explosão. Pude ver nas fotografias como Hiroshima é linda hoje (...), vi também que esse fato não é só um feito científico, pessoas foram sacrificadas...vendo as imagens pude sentir a dor e a angústia e agora, mais do que nunca, sou a favor da paz...me formando bacharel em Relações Internacionais o meu dever será sempre promover a paz e a solidariedade entre todos os povos.” (Adriana de Castro Francisco)

“Antes da palestra, para mim, Hiroshima era apenas um lugar onde os EUA lançaram a bomba, e que a bomba foi lançada porque o Japão atacou Pearl Harbor. Depois da palestra, fiquei sabendo de coisas que nunca tinha ouvido falar, como: a bomba explodiu à 600 metros do chão, o número de mortos, e como as pessoas morreram. Eu acho revoltante deixar os EUA lançarem a bomba somente para mostrar à URSS sua capacidade bélica”. (Piedade de Jesus Valente Manuel)

“Na verdade, eu só conhecia esta catástrofe superficialmente, apenas que havia explodido a bomba e que tinha morrido várias pessoas. Eu desconhecia os verdadeiros fatos pelo qual ocorreu o lançamento da bomba. Além do que, me comoveu muito foi tomar conhecimento de todo o sofrimento e traumas eternos que foi causado nas pessoas envolvidas. (Vanessa Garroti Ferreira)

“Estando tão longe da época e do lugar deste acontecimento, fica difícil expressar exatamente o que sentimos. Talvez seja um misto de pena, tristeza, infelicidade por saber que somos capazes de algo tão terrível. Parece, na verdade, um filme, uma ficção, que embora aparente realidade você sabe que acabará em algum momento e depois todos nos levantaremos e iremos para casa.” (Christiane M. Sampaio e Maria Auxiliadora)

“Antes da palestra que tivemos, eu pensava completamente diferente, pois só sabia o básico da história. Para mim, a bomba tinha explodido e causado um estrago enorme, mas nunca imaginei que fosse tão grande assim; no meu ponto de vista, pensava que as pessoas tinham morrido imediatamente, mas com esta palestra, as informações abriram minha mente, completaram meus

conhecimentos. Esse ato foi desumano e cruel, tudo isso por causa do “poder”. Será que vale a pena tirar a vida de milhares de pessoas inocentes para conseguir respeito de outras nações? “(Joelma Neta dos Santos).

“Na verdade, não tinha muita visão sobre Hiroshima. Só realmente sabia o que muitos brasileiros sabem, que foi uma bomba atômica, lançada em 6/8/1945 na cidade de Hiroshima, no Japão, nos EUA. (...) Este estudo foi muito enriquecedor para nós brasileiros, que temos uma visão ocidental”. (Maritza Muniz).

“A minha idéia sobre Hiroshima era de uma vingança exagerada dos EUA contra o Japão, já que os japoneses haviam atacado Pearl Harbor (militares) e os EUA lançaram a bomba nuclear contra Hiroshima (civis). “ (Henrique de Moura Reis)

“Pouca coisa mudou na minha mente antes e depois da palestra. Desde pequeno via Hiroshima como um símbolo de sofrimento e dor.” (Antônio Garcia, Jorge Robert)

“Após esta apresentação minha visão sobre Hiroshima e o sentimento do povo japonês mudou muito, pois o meu ponto de vista era que ao menos a população de Hiroshima e Nagasaki tivessem um sentimento de raiva contra os EUA, que ao meu ver, praticou um ato de crueldade que considero um genocídio contra civis e crianças indefesas que não estavam no front de batalha. Esses seres humanos não estavam preparados para lutar contra uma arma tão letal que não lhes dava a mínima chance de defesa.” (José Luiz Silva Bruno)

“Antes da palestra sobre a trágica história que comoveu o mundo, eu tinha uma visão pequena sobre os fatos. Na maioria dos livros já estudados, observamos uma cultura ocidental nos depoimentos, mas raros são os conteúdos que abordam os detalhes sem a influência cultural americana. Eu imaginava que tivera sido uma retaliação dos EUA sobre o Japão, pela brilhante estratégia de combate em Pearl Harbor, porém ficou claro na palestra que os motivos foram outros. (...) O que me deixou mais surpreso foi saber que, acima de tudo, os japoneses não sente ódio pelos americanos, eles trabalham pela paz; sua força de vontade em meio à destruição total de uma cidade foi fantástica, mostrando a perseverança no amanhã, buscando continuar a vida mesmo que no meio de escombros, de prédios destruídos, plantando hoje para colher amanhã, esse é um dos pontos fortes de uma cultura que creio que está acima das demais.” (Ricardo Dantas Santos.)

“Há um ano atrás, antes de entrar para um grupo de pesquisadores de guerra, eu achava que a bomba nuclear em Hiroshima e Nagasaki era somente uma resposta americana sobre o que acontecera em Pearl Harbor. Não tinha conhecimento sobre a II Guerra Mundial, achava que como o Japão atacou os americanos e tiveram a bomba como resposta. Hoje acredito que o que aconteceu

Hiroshima no Brasil. Um relato sobre a exposição dos desenhos de sobreviventes da tragédia atômica em São Paulo, Brasil.

era pra acontecer. É evidente que pensando por um lado atual e humano, foi um genocídio, mas tento me colocar na época e na pele dos americanos: o Japão foi um dos geradores da II G.M, cometeu atrocidades impares, na China e em outros lugares. A Alemanha já havia se rendido. Imagine para os americanos, que viram milhares de amigos sucumbirem nas mãos do Eixo e terem achado que a guerra havia acabado quando Hitler se suicidou, receberem a notícia de que em vez de irem para casa, iriam para o Pacífico lutar contra os japoneses, que parecia que não se renderiam nunca. Acho extremamente justo e justificável a “bomba da paz” lançada pelos americanos. Pois não só mostrou para o Japão o preço de uma guerra – isto é, vale tudo para a vitória – como faz o mundo pensar duas vezes até hoje, antes de iniciarem uma nova guerra”. (Rodrigo Martins Faria)

Essas observações dos alunos reafirmam uma idéia que já tinha: o ensino de História mundial se limita ao factual, e o conhecimento inserido nos manuais de História no Brasil, tem uma parcela de responsabilidade por essa visão abrangente, porém superficial. A guerra ainda é um tema delicado, principalmente se forem analisados os reais motivos que levam os países a se envolverem nos conflitos. Como citado por uma aluna, a distância geográfica e temporal do fato nos faz ter a impressão de que tudo não se passou de uma ficção, de um filme. A realidade é mascarada, e os educadores tem um papel importante no desmascaramento dos fatos.

No final, a experiência de se levar os desenhos dos *hibakushas* para o público brasileiro e escrever um livro voltado para os jovens, foi extremamente rica. Seja por ter de alguma forma despertado o interesse sobre o tema, até por ter transmitido um olhar além da historiografia oficial, derrubando alguns “mitos”.

Como estrangeira que escreve sobre o Japão, senti-me privilegiada por poder transmitir aos brasileiros um outro capítulo da história japonesa. Como ser humano, aliviada por sentir que existe ainda *humanidade* e que todos nós temos a que lutar por um mundo sem guerras, para que não haja mais Hiroshimas ou Nagasakis.

1 Magalhães, Fernanda Torres. Um clarão no céu de Hiroshima – 6 de agosto de 1945. São Paulo, Editora Lazuli / Companhia Editora Nacional, 2005.

(2006. 2. 22 受理)